

O Passado através de um olhar da psicanálise (4)

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

No artigo anterior procurei exemplificar, através do relato de um paciente da minha clínica, o que afirmei anteriormente, que para a psicanálise não há um só tempo e memória e que **há em cada ser memórias e tempos**. O método psicanalítico apontou a dimensão de um tempo que se reconstrói pelas revivescências do sujeito sob a forma de fantasias. Portanto um tempo onde, diferente do tempo histórico, há uma retroação. Em outras palavras, o *tempo atemporal* do inconsciente consegue inverter o vetor, a ampulheta do tempo, e pode, portanto, retroceder. Mostrei que meu paciente, fez de uma passagem de seu passado, uma **“história que só contava para si mesmo”**, pelo menos, até analisa-la.

Fantasias, lembranças e pensamentos de épocas posteriores de nossas vidas irão se enlaçar simbolicamente com outras anteriores, acentuando, desfigurando e mesmo mudando nossas lembranças infantis. Estas lembranças são denominadas na psicanálise de *lembranças encobridoras*.

Mas o que nos toca aqui não são as lembranças em si mesmas, mas a dinâmica que opera do nosso psiquismo e que se revelam nessas lembranças. Essa dinâmica pode ser estendida também à construção das fantasias, sonhos, devaneios e, claro, ao funcionamento geral da realidade psíquica. Neste modo atemporal do funcionamento, a memória não é, como já foi dito, única e imutável, ao contrário, as lembranças vão sendo constantemente construídas num processo de **retranscrição**.

Freud irá fundar, através das suas pesquisas no campo da psicanálise, uma *nova teoria do tempo e da memória*¹. E como consegue tal proeza? Descobrimo a existência dentro do nosso psiquismo do que se conhece por *Traços mnêmicos* ou *marcas mnêmicas*. E o que é isso?

¹ Sua elaboração sobre a memória aparece nos seus estudos *Sobre as Afasias* (1891), nos *Estudos sobre a histeria* (1895), no *Projeto para uma psicologia científica* (1896) e na *Carta 52 a Fliess*, antes mesmo de desenvolvê-la em *A Interpretação dos Sonhos* (1900).

Traço ou marca mnêmica é antes de mais nada um *resto* ou um *resíduo* de percepção. São impressões sensoriais que possuem **grande vivacidade**² não importando se são detalhes *significantes* ou *insignificantes* no seu conteúdo. Este material *condensado, compactado* das marcas mnêmicas, reordenam-se de tempos em tempos, formando novas conexões, novos encadeamentos, novos encaixes. Constroem-se diversas pontes de contato com fantasias posteriores e até mesmo bem mais recentes. Portanto temos um passado que se cria e se recria durante o tempo de nossas vidas.

Quando construimos as nossas lembranças, irá se dar como já visto, uma mistura de tempos que se mesclam. E, claro, que isso não se dá casualmente. Daí a afirmação colossal de Freud de que no *“Inconsciente não há o acaso”*. Nada, nada mesmo, em nosso inconsciente se deu, se dá ou se dará por acaso, e tudo que se passa se torna realidade. Uma *realidade psíquica*.

Ao demonstrar esta outra dimensão do tempo, este *outro tempo*, o pai da psicanálise, como já foi dito, distingue dois modos diferentes de funcionamento do nosso psiquismo: o da *consciência* e o do *inconsciente*. No primeiro o tempo opera como o *tempo cronológico* que se conhece, já no segundo, um *tempo lógico*, isto é, um tempo que se dá pela lógica das forças inconscientes que rompe com a linearidade mecanicista do transcorrer do tempo.

Neste sentido a história do sujeito não transcorre como uma linha reta que corre inexoravelmente de trás para frente, mas, também, e sobretudo, através desses diversos pontos de condensação (traços sensoriais marcantes), que formam verdadeiras tramas das vivências e, como uma espécie de complexa rede, se entrecruzam e impulsionam a presença do passado no atual e vice-versa, onde a *realidade psíquica* não coincide com o que o leigo entende como realidade, ou seja, a dita *realidade material*.

² O exemplo inocente do caminho de lajotas cercado pelas sebes de cedro do caso de meu paciente. Algo aparentemente insignificante.

Este tempo atemporal do inconsciente, do *après-coup* (do só depois), se tornou um conceito crucial para se entender porque determinados acontecimentos das nossas infâncias só depois irão adquirir um sentido. Há uma dinâmica que gera incessantemente novos nexos e contextos e que ficam inteiramente à mercê de nossas fantasias e desejos.

Por isso, podemos concluir que a escritora C. J. Tudor tem grande parte de razão quando afirma que: *“o passado é só uma história que contamos para nós mesmos”*. E ainda que: *“às vezes, nós mentimos para nós mesmos”*. Construimos nosso passado ao nosso bel prazer, construindo narrativas que podem nos defender do desprazer e/ou oferecer prazer. Daí a ideia de que mentimos. Só que não temos consciência de nossas inverdades: *mente-se e não se tem na mente o que se mente!* Não há dolo.

E só através da psicanálise podemos ser confrontados com algumas dessas distorções.

Por fim devo dizer que há também o tempo da consciência e que alguns acontecimentos podem ser inteiramente dignos de veracidade. Isto é, se deram de fato. Mas, é preciso registrar, que dentro do campo psíquico sempre estes serão a parte menor da construção da memória, do mesmo modo que a porção visível de um iceberg.

Há, como já sublinhei, em cada Ser memórias e tempos!

Faria, portanto, um pequeno retoque ao que disse a escritora: *“o passado é **sobretudo** uma história que contamos para nós mesmos. E as vezes nós mentimos!”*.

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).